

O ensino de história da enfermagem e o resgate da memória: panorama nos cursos de enfermagem da região nordeste

Lidya Tolstenko Nogueira

Resumo

É apresentado o panorama do ensino de História da Enfermagem nos Cursos de Enfermagem localizados na Região Nordeste do Brasil e os empreendimentos de seus docentes para a preservação da memória da enfermagem local. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, cujas fontes de dados foram os depoimentos de 14 docentes envolvidos com o ensino de História da Enfermagem, obtidos mediante entrevista semi-estruturada. Destacam-se as singularidades e avanços no processo de ensinar História da Enfermagem, a diversidade de conteúdos e estratégias pedagógicas adotadas na Região. Quanto aos documentos históricos de enfermagem, foram mencionadas práticas desiguais, oscilando entre a preservação em arquivo público, a guarda em condições precárias e o descarte, que comprometem a memória da enfermagem e a criação de fontes primárias de pesquisa. O estudo apontou ainda, as experiências de resgate da memória da enfermagem, impulsionadas, na maioria das vezes, pelo ensino de pós-graduação.

Palavras-chave: Ensino - História - Enfermagem

Introdução

Desde os albores da enfermagem moderna no Brasil o ensino de História da Enfermagem se fez presente. O exame dos instrumentos legais norteadores da formação da enfermeira confirma que o Programa de Instrução da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública - DNSP previa o ensino das Bases Históricas, Éticas e Sociais da Arte de Enfermeira¹ (Brasil, 1974, p. 65). De igual modo, a nova ordem estabelecida na formação desta profissional, em 1949, preservou o ensino de História da Enfermagem² (Brasil, 1974, p. 162). Em 1962, ao ser fixado o Currículo Mínimo do Curso de Enfermagem, agregou-se Ética à História da Enfermagem³ (Brasil, 1974, p. 252). Uma década depois, outra mudança curricular determinou a introdução do Exercício de Enfermagem, incluindo Deontologia Médica e Legislação Profissional e esvaecendo o componente História da Enfermagem⁴ (Brasil, 1974 p. 723). Atualmente, a Portaria Ministerial 1721/94 revitalizou a matéria História da Enfermagem, inserida na área temática Fundamentos de Enfermagem⁵ (Brasil, 1994).

Sem dúvida, as mudanças processadas nas esferas educacional, política e ideológica marcaram o devir do ensino de enfermagem e em especial o de História da Enfermagem. Considerando que os egressos sob o manto do atual currículo de enfermagem já estão sendo formados e que alguns cursos de enfermagem tiveram movimentos, tempos e descompassos singulares para se adequarem à nova estrutura curricular, este estudo intenta traçar o panorama da História da Enfermagem na Região Nordeste, considerando as experiências de ensino e de resgate da memória. Nesse sentido, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- Configurar o ensino de História da Enfermagem no contexto de cursos de enfermagem localizados na Região Nordeste;
- Descrever as condições dos documentos históricos produzidos no âmbito desses cursos no que se refere à conservação e à acessibilidade como fonte de pesquisa;
- Discutir as experiências de preservação da memória da enfermagem nos estados nordestinos.

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem predominantemente qualitativa, realizado mediante entrevista semi-estruturada com docentes envolvidos com o ensino de História da Enfermagem em instituições localizadas nos nove estados nordestinos.

O passo inicial consistiu no mapeamento dos 27 cursos de enfermagem localizados da Região. A escolha das instituições a serem pesquisadas levou em conta os seguintes critérios: exclusão de quatro cursos novos que ainda não concluíram a fase de formação de alunos; em estados com mais de cinco cursos, foram escolhidos três; nos estados com dois a quatro cursos, escolhidos dois cursos e incluído o estado que oferecia um só curso. Preliminarmente à coleta de dados, estabeleci contato com diretor da escola, chefe de departamento ou coordenador do curso de graduação para indicar o docente responsável pela disciplina e, posteriormente, busquei contato telefônico com o mesmo. De cada uma das instituições selecionadas, foi entrevistado um único docente e nessa perspectiva foram entrevistados 14 sujeitos.

A opção da entrevista por telefone como procedimento de coleta de dados decorreu da natureza do estudo, da possibilidade de aprofundamento da temática e eventual esclarecimento de alguma questão. O tempo médio das entrevistas foi de 15 minutos, o que de certa forma não destoava do tempo preconizado por Seltiz, Wrightsman e Cook (1987, p. 19-22). Durante a entrevista, foram realizadas anotações e, posteriormente, as respostas foram agrupadas em categorias, destacando-se os núcleos das falas considerados mais relevantes e que favoreciam a análise.

A despeito das eventuais dificuldades de localização dos sujeitos, é preciso ressaltar a disponibilidade dos entrevistados que se mostraram cordiais e receptivos, compartilhando suas experiências, suas inquietações e anseios com o ofício de ensinar História da Enfermagem.

Configuração da história da enfermagem no currículo dos cursos de graduação em enfermagem

A fala dos entrevistados permitiu traçar o panorama do ensino de História da Enfermagem em 14 instituições públicas que ministram o Curso de Enfermagem na Região Nordeste.

No que se refere à inserção no currículo, em apenas quatro instituições o ensino de História da Enfermagem é

desenvolvido em disciplina isolada. Nas demais, encontra-se integrado a outras disciplinas assim denominadas: Introdução à Ciência da Enfermagem, Exercício de Enfermagem, Ética e História da Enfermagem, História e Exercício de Enfermagem, Introdução do Aluno ao Curso e a Universidade, dentre outras.

A carga horária de História da Enfermagem, como disciplina isolada, situa-se entre 30 a 45 horas, sendo que a primeira foi a mais frequente. Por outro lado, quando integrada a outras disciplinas, a matéria fica bastante prejudicada, pois há situações nas quais o conteúdo de História da Enfermagem, mesmo ministrado em mais de uma disciplina, totaliza apenas 15 horas. Contudo, observou-se uma distribuição média de 20 horas para História da Enfermagem, no contexto de outras disciplinas.

Em se tratando de período letivo/ano em que é ministrada, na maioria dos cursos insere-se no primeiro semestre ou ano letivo. Esta posição inicial encontra defesas e restrições, como mostram os seguintes depoimentos:

é pessoal recém saído do vestibular, meio espantado com a nova realidade. Nem sempre eles [os alunos] conseguem se sentir motivados para a História da Enfermagem porque é o primeiro período, eles pegam muita disciplina, geralmente com maior complexidade, como por exemplo Anatomia.

Nesta fala, a docente expressa sua inquietação pelo fato de o aluno não ter condições de compreender a relevância da matéria em um contexto conturbado pelo ingresso na Universidade.

Por outro lado, a inserção nos períodos iniciais tem aspectos favoráveis e estratégicos:

É muito bom para o aluno, facilita a integração no Curso, até para se definir... nem sempre ele vem com o conhecimento do que é enfermagem, noção do que é ser enfermeiro.

O objetivo é valorizar a enfermagem, pois geralmente o aluno insatisfeito faz opção de vestibular para outra área até o 3º semestre. Resgatando a História da Enfermagem no início, estimula até para que continue no Curso.

Sem dúvida, a aproximação precoce do ingressante no Curso de Enfermagem com matérias fundamentais e específicas da profissão representa um avanço do novo currículo e corresponde aos anseios dos educadores de enfermagem.

O ensino de História da Enfermagem, na maioria das instituições nas quais atuam os entrevistados, é conduzido por apenas um único docente, que também exerce a regência de outras disciplinas. Esta situação decorre da baixa carga

horária desta disciplina e, nas universidades federais, da interface com os critérios para a concessão da Gratificação de Estímulo à Docência - GED⁶ que estipulam, para o professor contratado por tempo integral ou dedicação exclusiva, o mínimo de 12 horas semanais dedicadas ao ensino. A este respeito, é bastante ilustrativo o depoimento de uma docente:

Neste período eu estou com História da Enfermagem, para os alunos do primeiro período, dou Semiologia para os do quarto período e Clínica Geral para os do quinto período.

No tocante à qualificação, os docentes envolvidos com o ensino de História da Enfermagem possuem, em sua maioria, titulação de especialista, cinco são mestres e três são doutores.

A história da enfermagem na pós-graduação

Embora a maioria das instituições pesquisadas ofereça com regularidade cursos de pós-graduação *lato sensu*, e quatro destas, cursos em nível *stricto sensu*, segundo os entrevistados a História da Enfermagem é pouco enfatizada na pós-graduação.

No que se refere ao *lato sensu*, as falas a seguir exprimem a realidade encontrada:

penso que não... se tem deve ser muito breve porque vai direto ao enfoque central da especialidade, como UTI, Oncologia.

temos vários cursos de especialização mas a parte de história é mais enfocada na Obstetrícia... começamos o primeiro módulo com aspectos éticos, históricos e legais, resgatamos a história da mulher como parteira, da parteira até os dias atuais.

Embora a ênfase dos cursos de especialização seja a de preparar o profissional para o serviço, certamente quando se conhece o passado torna-se fácil compreender o presente e projetar o futuro.

No stricto sensu:

Temos a disciplina Concepções Teóricas da Prática de Enfermagem que vê a História da Enfermagem e cada uma das áreas de concentração trabalha um pouco com isso, com o resgate histórico.

De maneira geral, o ensino de História da Enfermagem nos cursos de pós graduação de enfermagem mostra-se ou ausente ou direcionado com maior ênfase para as áreas de especialidade.

Conteúdos predominantes

Os docentes de História da Enfermagem, ao serem estimulados a falar sobre os conteúdos ministrados, apresentaram uma grande diversidade de temas, com pontos comuns e divergentes, dadas as especificidades locais.

É comum a abordagem de aspectos conceituais, especialmente nos cursos que iniciam com História da Enfermagem, com ênfase na discussão de conceitos sobre a profissão, tais como: *... o que é enfermagem, papel do enfermeiro...; ...definições de enfermagem...*

Nas disciplinas integradas, a fala das docentes mostrou o exercício de reflexão sobre a opção pela carreira: *Por que escolheu enfermagem e o que pensa sobre o que é enfermagem; O que é enfermagem e o que o enfermeiro faz*

Outro conteúdo presente na totalidade das falas dos entrevistados diz respeito ao processo evolutivo de enfermagem como profissão, embora com diferentes enfoques:

no primeiro item nós discutimos os primórdios da enfermagem, vendo toda aquela questão do cuidado como decorrência natural da espécie humana, depois o cuidado como uma questão da beneficência, cuidado como caritativismo, até chegar em Florence e, aí, já entra a segunda discussão, que é a sistematização da enfermagem como profissão. Depois, num terceiro item, discutimos a enfermagem no Brasil e, num quarto item, a enfermagem no Estado.

É preciso ressaltar que o estudo das especificidades no desenvolvimento da enfermagem nos diversos estados da Região Nordeste não é consensual, visto que mencionada por menos da metade das entrevistadas e as falas a seguir mostram esta realidade:

Não aprofundo muito a questão da enfermagem daqui porque agora é que começamos a estudar esta questão.

Não fazemos o resgate histórico da enfermagem daqui, [fazemos] mais o resgate do processo de constituição da enfermagem no Brasil.

O silêncio sobre a trajetória histórica da enfermagem local justifica-se por tratar-se ainda de conhecimento em construção. Por outro lado, é preciso ressaltar que, embora a maioria dos docentes entrevistados tenha manifestado o anseio pela recuperação da memória local, ela está mais presente na fala das docentes com formação *stricto sensu*.

Outra temática recorrente na fala dos entrevistados, especialmente daqueles cujas instituições ministram o ensino de História da Enfermagem agregado ao de Ética e Legislação Profissional, diz respeito à constituição e à dinâmica das entidades de classe. A inserção de tais conteúdos visa dar a conhecer, divulgar e aproximar os alunos destas, conforme mostra a seguinte fala: *entidades de classe de enfermagem como o COFEN, o COREN, a ABEn e o Sindicato*

Os conteúdos relativos ao processo de trabalho e legislação de enfermagem estão presentes nas disciplinas nas quais o ensino de História da Enfermagem ocorre em disciplinas integradas:

A disciplina é desenvolvida em três módulos; o primeiro aborda o processo produtivo na sociedade em geral, o processo de trabalho na saúde e na enfermagem. Quando discute o processo de trabalho em saúde insere como a enfermagem se constituiu como profissão no mundo e no Brasil. O último grande tema é a organização profissional e as perspectivas da enfermagem para o futuro, apontando uma análise prospectiva.

Por outro lado, as falas dos entrevistados ressaltaram conteúdos atípicos e até incongruentes, conforme os relatos a seguir

Eu mostro as práticas de saúde, história das doenças, sistematização da assistência de enfermagem, teorias de enfermagem.

Esta fala retrata uma situação isolada, atípica e destoante das demais e que pode ter como determinantes a inexperiência do docente, a falta de um eixo integrador por tratar-se de um curso novo, localizado no interior do Estado.

Uma entrevistada enfatizou a ocorrência de áreas de conflito com outras disciplinas, no que se refere a conteúdo, expressa no seguinte depoimento:

trabalhamos com as teorias de enfermagem... é uma área de conflito com Semiologia e Semiotécnica e estamos nos reunindo para definir se vamos focalizar apenas como construção histórica e não focalizar a operacionalização. Outro conflito é o processo de trabalho que também é abordado em Exercício de Enfermagem. Na realidade ainda é uma disciplina em construção, entrou agora no novo currículo...

A reflexão sobre a pertinência e a adequação do conteúdo de História da Enfermagem, quer como disciplina isolada ou integrada, tem se mostrado como um desafio para alguns dos entrevistados, especialmente os de cursos mais recentes e distanciados geograficamente das capitais.

Procedimentos de ensino

Examinando os depoimentos, é possível perceber a pluralidade de estratégias adotadas no ensino de História da Enfermagem, que guardam estrita relação com o preparo do docente, sua criatividade e a existência de uma filosofia de trabalho norteando a prática pedagógica. Para efeito deste estudo, as respostas das entrevistadas foram categorizadas em estratégias inovadoras e convencionais.

No tocante a estratégias inovadoras, o relato a seguir mostra o ensino de História da Enfermagem desenvolvido no contexto de um currículo fundamentado na Teoria Crítica da Educação:

Os temas são definidos em dinâmicas de grupo. A sequência de atividades começa com um tipo de dinâmica que faz com que os alunos se aproximem de uma questão de uma forma mais concreta, depois eles visitam, lêem um texto, têm uma exposição do professor ou convidado sobre alguns aspectos teóricos, e daí fazem uma síntese (...) eles preparam um mural que a gente chama de mural inteligente, identificam a conjuntura econômica e social do país, como estavam organizadas as práticas de saúde e a enfermagem e eles tentam identificar cada período histórico e a gente divide a história em décadas até chegar aos dias atuais. A seguir, preparam os seminários e fazem isto de várias formas, a criatividade vai a mil: teatros de bonecos, tudo é permitido, tudo é orientado e eles são livres para isto. Não fazemos nenhuma aula convencional. Todas as aulas são com dinâmicas, jogos...

A Pedagogia da Problemática tem em perspectiva a articulação dinâmica entre teoria e prática, ensino-trabalho e abre possibilidade à análise crítica dos fatos. O aluno parte da experiência concreta e é estimulado a refletir e repensar a sua própria realidade.

Outra estratégia diz respeito ao uso da História Oral como instrumento de produção de fontes primárias, conforme revela o depoimento a seguir:

Os alunos procuram as enfermeiras aposentadas, falam com os familiares de enfermeiras falecidas. Buscam resgatar a história e permitir que os alunos novos conheçam as raízes da enfermagem no estado

Trata-se de um método que tem em perspectiva recuperar o passado segundo o ponto de vista daqueles que o viveram, além de permitir a análise das diferentes versões

que os depoentes expressam acerca do objeto em estudo, conforme assinala Alberti (1990, p.1)

Em geral, os docentes relataram a opção por estratégias que privilegiam a participação ativa dos alunos:

A disciplina é mais construída pelos alunos, fazemos seminários, trabalhos de grupo. Neste semestre os alunos estão pesquisando a história do Curso de Enfermagem da ...[universidade]

Adotamos a gincana: planejamos as tarefas, os alunos desenvolvem e depois fazemos uma avaliação (...) Estamos pensando reativar a integração das 3 Universidades da Capital, a exemplo do que fazíamos em Ética e Legislação, no antigo currículo, para trabalharmos em conjunto a História da Enfermagem.

O último relato põe em evidência a disposição de se revitalizar a estratégia singular que consiste no encontro dos alunos das três universidades localizadas na capital do estado nordestino em torno de uma mesma disciplina, integrando docentes e discentes, na busca do ensino de qualidade.

Por outro lado, alguns docentes manifestaram a adoção de estratégias convencionais, tais como:

Faço uma metade do assunto com exposição, com literatura e a outra parte eu divido a sala, eles pesquisam e apresentam seminário.

Textos, os alunos lêem os textos e depois nós discutimos em sala de aula em forma de seminários. Usamos textos diversos, um para cada grupo, cada grupo fala do texto que leu, discute e depois fecha a questão.

Estas falas têm como ponto convergente a reprodução de conhecimentos, tão característica da pedagogia tradicional, ainda que mesclada com tentativas de participação ativa do aluno.

De maneira geral, os entrevistados mencionaram a adoção de estratégias de ensino variadas, tais como: estudos em grupo, grupos de discussão, mesa redonda, pesquisa bibliográfica, leitura de textos, entrevistas com representantes dos serviços e das entidades de classe, participação de convidados na abordagem de temáticas específicas nas quais são referência no Estado.

Há situações nas quais as atividades práticas precisam ser melhor definidas, considerando tratar-se de uma disciplina inicial, conforme expresso na fala abaixo:

Tem também uma parte prática: coloco o aluno em postos de saúde, hospitais, para ter um primeiro contato com a enfermagem, um quebra-gelo para eles conhecerem a enfermagem.

Causou surpresa o fato de a Internet não ter sido mencionada, bem como a pesquisa em documentos históricos locais.

Avaliação da aprendizagem

No tocante à avaliação da aprendizagem, os docentes que trabalham com a metodologia problematizadora assim se expressaram:

o nosso processo pedagógico não é muito formal, mas como o aluno vem do ensino do 2º Grau ainda muito habituado com prova e conceito, no primeiro tema costumamos fazer uma prova na qual ele analisa alguns conceitos, apontando semelhanças e diferenças. Nas atividades seguintes, costumamos avaliar o movimento do aluno no trabalho com grupos, tem uma avaliação dos pares e para cada trabalho que produz, a gente dá uma nota pelo produto, pela forma e pelo desempenho do grupo na apresentação.

De maneira geral, os docentes entrevistados adotam a avaliação que prioriza a reflexão e a participação:

não faço prova, valorizo mais os trabalhos individuais e grupais... assim é mais dinâmico, o aluno participa mais, tem maior aprendizagem e não estuda apenas para uma prova.

No caso das disciplinas integradas, uma entrevistada assim se manifestou:

é difícil informar apenas a parte de História da Enfermagem mas basicamente avaliamos a construção dos conceitos sobre a profissão, fazemos seminários sobre a evolução da profissão...

A avaliação da aprendizagem, segundo o que foi informado, se faz com base em parâmetros que privilegiam não somente os aspectos cognitivos, visto que a maioria dos entrevistados preocupa-se em avaliar aprendizagem e não apenas verificar a aprendizagem, característica comum do ensino brasileiro, conforme assevera Luckesi (1996, p.93)

O componente pesquisa no ensino de história da enfermagem

A prática da pesquisa, entendida como a atividade básica da ciência na sua construção e conhecimento da realidade (Minayo, 1994, p.17), é pouco articulada no ensino de História da Enfermagem, conforme mostram os depoimentos abaixo:

Não fazemos, inclusive eu já cheguei a incentivar os alunos mas como a História da Enfermagem é no primeiro período e eles pagam mais oito disciplinas, fica difícil... na verdade eles nem conseguem se sentir motivados para pesquisa... normalmente passa despercebido; para eles, têm disciplinas com maior complexidade. Eu já cheguei a dizer que estou aberta a quem desejar, de repente pode ter alguém que participe da Iniciação Científica e se interesse... mas eu também não consegui por conta das duas outras disciplinas que dou...

A carga horária da História da Enfermagem é pequena, apenas teórica, e não comporta a realização de pesquisa.

Sem dúvida, é a pesquisa que alimenta o ensino e o atualiza frente à realidade do mundo, conforme assevera Minayo (1994, p.17). A situação apontada por grande parte dos entrevistados mostra, por um lado, alunos recém-ingressantes na universidade, ainda desconhecendo a importância da pesquisa e, por outro lado, poucos docentes engajados na produção de conhecimento sobre História da Enfermagem. Também, não se pode desprezar a sobrecarga dos docentes com a múltipla regência de disciplinas, fato tão presente no âmbito das universidades nos tempos atuais e que compromete a propalada indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

É preciso ressaltar que alguns entrevistados, ligados a instituições que ministram cursos em nível *stricto sensu*, bem como os que possuem esta formação, relataram o engajamento em grupos e núcleos de pesquisa, espaços catalisadores da produção de conhecimentos, porém, nenhum voltado para a História da Enfermagem.

Outro ponto que emergiu na fala dos entrevistados refere-se à descontinuidade dos trabalhos acadêmicos de História da Enfermagem, bem como o mérito destes:

Teve um grupo no semestre passado que se interessou em conhecer um pouco mais da história das pessoas que foram pioneiras da enfermagem, só que isto não foi muito à frente...

Os alunos produzem trabalhos para os seminários mas geralmente não se aprofundam a ponto de originar uma pesquisa.

Por outro lado, expressiva maioria dos entrevistados justificou não desenvolver a pesquisa com abordagem histórica face ao escasso conhecimento acerca do método, embora uma delas tenha manifestado interesse, conforme o depoimento a seguir:

A professora que irá assumir a disciplina tem interesse em se instrumentalizar... aqui não se faz pesquisa histórica mas temos interesse em começar a fazer.

Além do domínio do método, a investigação da História da Enfermagem requer fontes de pesquisa, escritas ou não escritas, disponíveis para consulta tanto de docentes quanto discentes. No tocante ao acesso às fontes de dados, alguns entrevistados assim se manifestaram:

Basicamente temos as entrevistas com aposentadas, as que presidem as associações. Mas não temos isso sistematizado. Quando os alunos procuram os documentos históricos da Escola de Enfermagem para consulta, na medida do possível, eles têm acesso.

Nós temos os documentos arquivados, mas a falta de um tratamento inviabiliza a disponibilização deste material para os discentes.

Temos um texto que nós produzimos aqui no Departamento que resgatou parte da História da Enfermagem do estado. Não é uma coisa que está acabada; está em construção.

A realidade dos cursos situados na Região Nordeste, onde a indisponibilidade de fontes primárias para consulta dos alunos de História da Enfermagem é a regra, embora apresente algumas exceções, o componente pesquisa mostra-se fragmentado.

A preservação dos documentos históricos

Os documentos constituem matéria prima valiosa para a reconstrução da memória da enfermagem e, nesta perspectiva, a preservação de documentos históricos concernentes aos cursos de enfermagem constituiu um dos temas de interesse do estudo.

A fala dos entrevistados revelou práticas díspares, no tocante à preservação documental, e que foram categorizadas em circunstâncias contributivas e adversas.

No que se refere a situações que contribuíram para a preservação dos documentos históricos, os entrevistados assim se pronunciaram:

O arquivo foi organizado durante as comemorações dos 50 anos da Escola, os documentos foram catalogados e arquivados.

Nos já reconstituímos parte da história da Escola de Enfermagem e a do Curso de Auxiliar de Enfermagem (...) A

maior parte do acervo da escola foi resgatado e reconstruído por uma professora que fez dissertação de mestrado na área de educação.

Estes depoimentos ressaltam a importância da pós-graduação no resgate da História da Enfermagem dos estados nordestinos. De igual forma, os eventos comemorativos do aniversário de fundação das escolas despertam a atenção para a conservação dos documentos.

Um entrevistado informou que:

Todo o acervo de documentos da escola, da época da criação, está preservado na Maternidade Escola; ela tem o tombamento do patrimônio histórico; os documentos são preservados pelo patrimônio histórico.

Este relato ressalta a guarda permanente da documentação em arquivo público, o qual assume a incumbência de dispensar o tratamento técnico necessário, assegurando assim a sua preservação (Brasil, 1985, p.17).

Outra situação bastante mencionada foi a guarda dos documentos, ainda que sem um tratamento específico, conforme mostram os depoimentos a seguir:

os documentos estão guardados na Escola, não em arquivo morto, e podem ser manuseados por quem quiser.

Todos os documentos estão preservados e guardados na Coordenação do Curso: atas de reuniões, registros de alunos, álbuns de fotografias e estão ao alcance de quem quiser pesquisar, mas não sistematizados. É uma pena, mas não tem tratamento nenhum...

O último relato expõe, de um lado, o aspecto favorável da conservação dos documentos produzidos na unidade e, de outro, a necessidade premente de um trabalho de gestão destes para que a memória não se perca.

Segundo a maioria dos entrevistados, a preservação de documentos não é prática usual na maioria dos cursos de enfermagem e são variadas as circunstâncias adversas. O depoimento abaixo é bastante elucidativo:

Estes documentos antigos, depois que a Escola foi encampada, ficaram num depósito da Universidade e todo este material do curso de auxiliar, de graduação, o cupim comeu...

Sem dúvida, a inexistência de espaço físico condizente, o fato de os documentos permanecerem amontoados em local impróprio, vulneráveis a agressões externas e inacessí-

veis à investigação, contraria as normas da arquivologia e traz prejuízos incalculáveis para a memória da enfermagem.

A dificuldade de conservação do acervo documental está presente na fala abaixo:

Na Universidade não tem lugar para arquivo morto. Até quando os documentos vão ficar guardados eu não sei, algumas já estão cheias de mofo, no fim do ano fiz uma limpeza, pus um antimofo, ... tem as pastas bem guardadas, com todas as diretorias, tem os álbuns, mas não é coisa bem sistematizada.

As condições do armanejamento dos documentos, segundo o entrevistado, são precárias uma vez que estes permanecem em ambiente adverso, sem proteção específica contra os agentes de biodeterioração.

Um outro aspecto relatado refere-se ao descarte de documentos:

Um dia destes, o armário está quase cheio de trabalhos dos alunos e eu doei tudo para a instituição do câncer. por orientação da chefia do departamento, muita coisa com mais de 10 anos foi retirada dos arquivos. O que a Biblioteca aceitou, recebeu, o que não, ficou, foi para o lixo, principalmente as monografias.

Certamente nem toda a documentação histórica deve ser preservada, contudo, o descarte implica em avaliação e classificação judiciosa. Os arquivos de uma unidade, conforme enfatiza Soares (1981, p.19), *não podem ser eliminados por decisão unilateral de alguns dirigentes, sem consulta a especialistas nem a opinião pública interessada no assunto.* Também é preciso lembrar que o critério de importância imbrica-se no de temporalidade, pois, conforme enfatiza a autora, o conceito do que seja essencial e irrelevante varia com a época e o progresso da ciência.

Outro ponto de interesse foi a tipologia dos documentos preservados. As falas dos entrevistados revelam que os documentos mais guardados são os escritos e, de cunho administrativo, conforme os relatos a seguir

Documentos relativos à administração estão guardados em arquivo na Escola, até por uma questão legal, mas sem nenhum tratamento específico...

a gente reuniu todo o material de ofícios, correspondências... fizemos um tipo de arquivo morto e deixamos lá guardados.

Um ponto congruente nas falas é a guarda de documentos de cunho administrativo, ainda que em condições que

não as recomendadas. No que se refere aos documentos dos alunos, especialmente provas e trabalhos acadêmicos, assim se manifestaram alguns entrevistados:

Guardamos as provas dos alunos por 5 anos.

As provas e os trabalhos escolares são devolvidos aos alunos após a correção. Particularmente, costumo pedir cópia dos melhores. Tenho alguns arquivados, especialmente entrevistas das enfermeiras pioneiras. E um dos meus objetivos, dar uma forma literária para divulgação.

Certamente, uma parte importante da memória da enfermagem está se perdendo, pois, na maioria das instituições nas quais atuam os entrevistados, não se adotam critérios de relevância para orientar os responsáveis pelo processo de racionalização dos arquivos no que tange à eliminação dos documentos, conforme preceitua Kromniov (1981, p.21). A destruição de documentos sem uma avaliação histórica minuciosa compromete o resgate da memória.

Situação diferente foi relatada por um docente de instituição que oferece cursos de pós-graduação *"stricto sensu"*:

costumamos guardar os trabalhos dos alunos, inclusive outros alunos podem utilizar. Temos o acervo bibliográfico da própria escola, com os trabalhos produzidos e uma pessoa de biblioteconomia que faz o tombamento.

Quanto aos documentos iconográficos, assim se expressaram alguns entrevistados:

a guarda é meio precária. Na comemoração dos 50 anos, foi feita uma exposição... Foi contatada a museologia para resgatar esse material... havia muita louça, móveis, fardamento. Depois, tudo foi recomposto e embalado nas caixas.

Nos 20 anos do Curso, fizemos um encontro mostrando fotografias, documentos... este material que era para ser publicado e isto vai ficando...

De maneira geral, a grande maioria dos entrevistados confirmou a existência de farto material documental à espera de tratamento, especialmente nas instituições com maior tempo de existência. Além disso, expressaram sua inquietação com o problema e o interesse em preservar esse material. Tentativas isoladas já foram empreendidas, conforme mostra o depoimento a seguir:

O pessoal da História [Curso de História] estava com um projeto de recuperar a memória da Universidade; fui até lá, mas não é bem assim não... a gente não tem tempo... Se eu fosse fazer isto tinha que contratar e é muito caro.

Conforme o exposto, inexistia na Região Nordeste um centro de documentação, embora este seja o anseio de alguns docentes de História da Enfermagem. Com exceção de dois cursos, os demais carecem de condições materiais, articulações políticas que impulsionem o processo de preservação do acervo documental.

Atividades desenvolvidas para resgatar a memória da enfermagem nos estados

Outro ponto de interesse do estudo foram as experiências em andamento ou já concluídas que privilegiam o resgate da memória da enfermagem dos estados nordestinos.

Com o intuito de traçar um quadro preliminar, serão apresentadas unicamente as falas mais significativas dos entrevistados que mencionaram a existência de tais atividades nos seus estados. Torna-se oportuno esclarecer que não se teve a pretensão de esgotar o assunto, nem tampouco de cruzar as informações obtidas com qualquer outra fonte de dados. Na eventualidade de alguma experiência ter mencionado, longe de qualquer polêmica, pode-se atribuí-la, incontinenti, ao esquecimento humano.

Maranhão:

A preocupação em recuperar a memória aflorou com as festividades dos 50 anos da Escola e o pessoal está muito interessado em recuperar a memória. A Irmã..., já aposentada e pioneira da Escola está escrevendo um livro sobre a História da Enfermagem no Maranhão, pensava em publicá-lo nos 50 anos da escola mas não foi possível.

Piauí:

Produção de teses de doutorado, uma já concluída, sobre o processo de institucionalização da enfermagem moderna no estado e outra, em fase de construção, sobre as circunstâncias históricas da criação do curso de enfermagem na Universidade. Na ABEn, foi inaugurada a galeria com fotos de todas as ex-diretoras.

Ceará:

No Ceará, existe um grupo grande de pessoas estudando a História da Enfermagem: Na UECE [Universidade Estadual do Ceará], tem um grupo trabalhando nisso desde quando a UECE fez 50 anos, uma professora escreveu um livro, outra, um capítulo de livro e outra produziu trabalhos de

História da Enfermagem como os alunos dela; na Federal [Universidade Federal do Ceará], já foi editado um livro dos 10 anos do Curso de Enfermagem e agora está trabalhando no de 25 anos.

Rio Grande do Norte:

Tem alguns grupos interessados e trabalhando com história: há o projeto de resgatar a memória do Centro de Formação da Secretaria de Saúde, responsável pela profissionalização dos atendentes no estado, com um trabalho de história oral. Temos algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado que trabalharam com história: a educação e ideologia da enfermagem, o Movimento Participação no Brasil e Rio Grande do Norte, o resgate do ensino de enfermagem no Rio Grande do Norte. A ABEn começou a fazer este trabalho de resgate da memória, inclusive fez uma galeria das ex-presidentes.

Paraíba:

estou levantando, junto com os alunos, a biografia dos grandes vultos da enfermagem paraibana, especialmente as pioneiras, através de história oral e pretendo lançar em livro até dezembro (...) tenho mapeado o nome de todos os alunos de todas as turmas de auxiliares, técnico e de enfermagem.

Pernambuco:

Está em processo de formação um grupo de interesse em história da enfermagem, agregando docentes, discentes e enfermeiros de ensino, com a idéia de entrevistar o pessoal que teve contato com as enfermeiras na década de 40 – 50, para fazer um banco de dados. Além disso, uma enfermeira já começou a escrever um livro sobre a História da Enfermagem de Pernambuco, focalizando mais a atuação da congregação dela, a São Vicente de Paulo.

Alagoas:

Produzimos um documento, publicado como livro, sobre o currículo de enfermagem daqui e faz um pouco do resgate histórico da História da Enfermagem. O meu projeto de tese de doutorado é sobre a história da escola de auxiliar de enfermagem de [Estado].

Sergipe:

Por ocasião dos 20 anos do curso, formamos um grupo de pesquisa que fez a reconstituição histórica da enfermagem em Sergipe. Não é uma coisa que está acabada, mas nós dividimos este trabalho em etapas: uma ficou com os primórdios da enfermagem, de 1840 a 1900, depois outra de

1900 até 1940, outra de 1940 até a criação do curso de enfermagem em 1980 e, por último, de 1980 a 1996. Recentemente, criamos um grupo de pesquisa sobre Estudos teóricos, práticos, históricos e culturais de enfermagem.

Bahia:

Nas comemorações dos 50 anos, foi feito um resgate da história e produzido um texto, ainda não publicado mas que se encontra em fase de publicação.⁷

De concreto, tenho preservado o nome de todos os ex-alunos, todos os professores desde o início do Curso e penso fazer um trabalho(...). Não pode perder a história, quero resgatar a memória.

Como se pode observar, existe uma diversidade de atividades empreendidas no sentido de resgatar a memória singular da enfermagem nos estados e é inegável a contribuição dos cursos de enfermagem nesse processo.

Assim, dos eventos comemorativos que despertam o interesse de deixar como legado a recuperação da memória da enfermagem aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* que têm impulsionado extraordinariamente as experiências de preservação da memória nos estados, os cursos de enfermagem, uns com mais intensidade que outros, vêm imprimindo a sua marca na reconstrução da história.

É preciso ressaltar que, em alguns estados, os docentes de enfermagem estão disseminando a sua produção científica em livros que têm servido de referência no resgate da singularidade da história da enfermagem da região. Outros estados, segundo os entrevistados, acenam com perspectivas de, em futuro breve, criar grupos de pesquisa em história da enfermagem.

A ABEn, em alguns estados, tem desempenhado papel relevante no processo de preservação da memória, embora a expressiva maioria dos enfermeiros de serviço da Região Nordeste permaneçam silentes, pois, conforme enfatiza uma entrevistada, *não têm estímulo das instituições, não têm como fazer pesquisa.*

Considerações finais

O ensino de História da Enfermagem, no seu evoluir de quase oito décadas, forjou novos caminhos: de livresco, teórico, centrado em vultos marcantes e pouco crítico, até o advento da pós-graduação de enfermagem no Brasil, confor-

me enfatizam Barreira e colaboradores, (1997, p.49), tornou-se dinâmico e contextualizado. Na Região Nordeste, alguns cursos de enfermagem aderiram a pedagogias inovadoras de ensino, embora a maioria ainda permaneça tolhida, em virtude de carga horária escassa que limita as experiências de aprendizagem, com especial destaque para as de pesquisa em História da Enfermagem.

No que tange aos documentos escritos, o estudo mostrou o cotidiano de descompromisso com a memória da enfermagem e a criação de fontes primárias de pesquisa na maioria dos cursos de enfermagem. Quanto às fontes orais, intensivamente utilizadas em trabalhos acadêmicos, carecem estar reunidas em acervo aberto aos discentes e pesquisadores. A preservação da memória é tarefa coletiva e implica conquistas de espaços e processos apropriados, na busca de

parcerias e intercâmbios com os centros de excelência, especialmente o Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira – NUPHEBRAS, da Escola de Enfermagem Anna Nery, referência na América Latina.

As experiências empreendidas, no sentido de resgatar a memória da enfermagem nos estados nordestinos, confirmam a contribuição relevante da pós-graduação de enfermagem, uma vez que a produção científica dela oriunda expõe as singularidades regionais no que se refere à História da Enfermagem. A preservação da memória é, ao mesmo tempo, responsabilidade social do docente de enfermagem e da unidade de ensino à qual pertence, para que se possa legar, aos que nos sobrevirão, conhecimento crítico sobre as nossas origens e a nossa trajetória como profissão. É preciso, como ressalta Le Goff (1992, p.477), “salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

History of nursing teaching and memory rescue: a survey of nursing courses in the north-east of Brazil

Abstract

The study presents a survey of History of Nursing teaching in the nursing courses in the north-east of Brazil and the teachers' efforts to preserve nursing memory. It is a descriptive and qualitative study. Data was collected during semi-structured interviews with 14 History of Nursing teachers. It shows the singularities and the development of the History of Nursing teaching process and the diversity of contents and pedagogical strategies adopted in the region. Historical documents were stored in different ways: in public archives or under precarious conditions or even discarded, damaging nursing documentary and the creation of primary sources. The study pointed out experiences to preserve nursing documentary, carried out mostly by graduate programmes.

Keywords: Teaching - History - Nursing

La enseñanza de historia de la enfermería y el rescate de la memoria: el panorama en los cursos de enfermería de la región nordeste

Resumen

El estudio presenta el panorama de la enseñanza de Historia de la Enfermería en los Cursos de Enfermería localizados en la Región Nordeste de Brasil y las realizaciones de sus docentes a la preservación de la memoria de la enfermería local. Se trata de un estudio descriptivo, con abordaje cualitativo, cuyas fuentes de datos fueron las deposiciones de 14 docentes compro-

metidos con la enseñanza de Historia de la Enfermería, obtenidas a través de una entrevista semi-estructurada. El estudio ha expuesto singularidades y avances en el proceso de enseñar Historia de la Enfermería, la diversidad de contenidos y estrategias pedagógicas adoptadas en la Región. En cuanto a los documentos históricos de enfermería, fueron mencionadas prácticas desiguales, oscilando entre la preservación en archivo público, la guardia en condiciones precarias y el descarte, que comprometen la memoria de la enfermería y la creación de fuentes primarias de investigación. El estudio apuntó las experiencias de rescate de la memoria de la enfermería, fomentadas, muchas veces, por la enseñanza de postgrado.

Palabras claves: Enseñanza - Historia - Enfermería

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. História oral, a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1990.
- BARREIRA, I. A et al. Renovação no ensino e na pesquisa de história da enfermagem brasileira. R. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 487-494, dez. 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria Ministerial nº 1.721, de 15 de dezembro de 1994. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, D. F., 16 dez. 1995, Seção 1, p. 1981.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Orientação para avaliação e arquivamento intermediário em arquivos públicos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Enfermagem: Legislação e assuntos correlatos. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Serviços de Saúde Pública, 1974.
- KROMNOV, A. Avaliação de arquivos contemporâneos. Arg. & Adm., Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 20-28, set./dez. 1981.
- LE GOFF. História e memória. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 1992.
- LUCKESI, C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1996.
- MINAYO, M.C.S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987.
- SOARES, N. T. Os arquivos e a avaliação dos documentos. Arg. & Adm., Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 16-20, set./dez. 1981.

Notas

- ¹ Decreto nº 16 300/23, de 31 de dezembro de 1923, que aprovou o regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública.
- ² Decreto nº 27 426/49, de 14 de novembro de 1949, que aprovou o regulamento básico para os cursos de Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem.
- ³ Parecer nº 271/62, de 19 de outubro de 1962, que aprovou o Currículo Mínimo do Curso de Enfermagem.
- ⁴ Parecer 163/72, da Comissão Central de Revisão de Currículos e Resolução 4/72, de 25 de fevereiro de 1972, que definiu o Currículo Mínimo dos Cursos de Enfermagem e Obstetrícia.
- ⁵ Portaria Ministerial 1721, de 15 de dezembro de 1994, que estabeleceu o novo Currículo Mínimo de Graduação em Enfermagem.

⁶ Lei nº 9678, de 3 de julho de 1998, que institui a Gratificação de Estímulo à Docência no Magistério Superior e Decreto nº 2.668, de 13 de julho de 1998, que dispõe sobre critérios para pagamento da Gratificação de Estímulo à Docência no Magistério Superior (Brasil, 1998).

⁷ Por ocasião da apresentação oral deste trabalho, foi lembrada a obra “De anjos a mulheres, ideologias e valores na formação de enfermeiras”, de Elizete Silva Passos, publicada, em Salvador, pela EDUFBA/EGBA, em 1996.

Sobre o autor

Lídyia Tolstenko Nogueira

Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí.